

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora

Ano 2020

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



A Educação em suas Dimensões Pedagógica, Política, Social e Cultural 3

Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Geraldo Alves

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 A educação em suas dimensões pedagógica, política, social e cultural
3 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de
Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-81740-29-0

DOI 10.22533/at.ed.290201302

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação – Inclusão social. I. Monteiro, Solange Aparecida de
Souza.

CDD 370.710981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior | CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Brinquedo que for dado, criança brinca
brincando com fardado, criança grita
mas se leva pro sarau, a criança rima
(Carnevalli, Rafael, 2015)

A Educação, nas suas diversas dimensões, seja política, cultural, social ou pedagógica, é articular, acompanhar, intervir e executar e o desempenho do aluno/cidadão. As dimensões pedagógicas são capazes de criar e desenvolver sua identidade, de acordo com o seu espaço cultural, pois possuem um conjunto de normas, valores, crenças, sentimentos e ideais. Sobretudo, na maneira de conhecer as pessoas e conhecer o mundo, suas expressões criativas, tudo isto, é um espaço aberto para o desenvolvimento de uma Proposta Pedagógica adequada à escola e de acordo com o disposto na Lei no 9394/96, Título II, Art. 2o: “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Diante das transformações econômicas, políticas, sociais e culturais do mundo contemporâneo, a escola vem sendo questionada acerca do seu papel nesta sociedade, a qual exige um novo tipo de trabalhador, mais flexível e polivalente, capaz de pensar e aprender constantemente, que atenda as demandas dinâmicas que se diversificam em quantidade e qualidade. A escola deve também desenvolver conhecimentos, capacidades e qualidades para o exercício autônomo, consciente e crítico da cidadania. Para isso ela deve articular o saber para o mundo do trabalho e o saber para o mundo das relações sociais. No seu âmbito mais amplo, são questões que buscam apreender a função social dos diversos processos educativos na produção e reprodução das relações sociais. No plano mais específico, tratam das relações entre a estrutura econômico-social, o processo de produção, as mudanças tecnológicas, o processo e a divisão do trabalho, a produção e a reprodução da força de trabalho e os processos educativos ou de formação humana. Nesta nova realidade mundial denominada por estudiosos como sociedade do conhecimento não se aprende como antes, no modelo de pedagogia do trabalho taylorista / fordista fundadas na divisão entre o pensamento e ação, na fragmentação de conteúdos e na memorização, em que o livro didático era responsável pela qualidade do trabalho escolar. Hoje se aprende na rua, na televisão, no computador em qualquer lugar. Ou seja, ampliaram-se os espaços educativos, o que não significa o fim da escola, mas que esta deve se reestruturar de forma a atender as demandas das transformações do mundo do trabalho e seus impactos sobre a vida social. A obra “A EDUCAÇÃO EM SUAS DIMENSÕES PEDAGÓGICA, POLÍTICA,

SOCIAL E CULTURAL” em seus 04 volumes compostos por capítulos em que os autores abordam pesquisas científicas e inovações educacionais, tecnológicas aplicadas em diversas áreas da educação e dos processos de ensino. Esta obra ainda reúne discussões epistemológicas e metodológicas da pesquisa em educação, considerando perspectivas de abordagens desenvolvidas em estudos e orientações por professores da pós-graduação em educação de universidades públicas de diferentes regiões/lugares do Brasil. Essa diversidade permite aos interessados na pesquisa em educação considerando a sua diversidade e na aproximação dos textos percebe-se a polifonia de ideias de professores e alunos pesquisadores de diferentes programas formativos e instituições de ensino superior, podendo também cada leitor se perceber na condição de autor de suas escolhas e bricolagens teórico-metodológicas.

Entendemos que esses dois caminhos, apesar de diferentes, devem ser traçados simultaneamente, pois essas aprendizagens não são pré-requisito uma da outra; essas aprendizagens acontecem ao mesmo tempo. Desde pequenas, as crianças pensam sobre a leitura e a escrita quando estão imersas em um mundo onde há, com frequência, a presença desse objeto cultural. Todo indivíduo tem uma forma de contato com a língua escrita, já que ele está inserido em um mundo letrado. Segundo a educadora Telma Weiz, “a leitura e a escrita são o conteúdo central da escola e têm a função de incorporar à criança a cultura do grupo em que ela vive”. Este desafio requer trabalho planejado, constante e diário, além de conhecimento sobre as teorias e atualizações. Enfim, pode-se afirmar que um dos grandes desafios da educação brasileira hoje é não somente garantir o acesso da grande maioria das crianças e jovens à escola, mas permitir a sua permanência numa escola feita para eles, que atenda às suas reais necessidades e aspirações; é lidar com segurança e opções políticas claras diante do binômio quantidade versus qualidade. Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. (GILLES DELEUZE, A literatura e a vida. In: Crítica e Clínica) Finalmente, uma educação de qualidade tem na escola um dos instrumentos mais eficazes de tornar-se um projeto real. A escola transforma-se quando todos os saberes se põem a serviço do aluno que aprende, quando os sem vez se fazem ouvir, revertendo à hierarquia do sistema autoritário. Esta escola torna-se, verdadeiramente popular e de qualidade e recupera a sua função social e política, capacitando os alunos das classes trabalhadoras para a participação plena na vida social, política, cultural e profissional na sociedade.

Boa leitura!!!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO E PERFIL DOCENTE DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: ANÁLISE DOS DOCUMENTOS INSTITUCIONAIS	
Julliano Cruz de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013021	
CAPÍTULO 2	14
FRACASSO ESCOLAR NO BRASIL: PRINCIPAIS CAUSAS	
Maria do Rosário Alves de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2902013022	
CAPÍTULO 3	24
GAME DA ÁGUA: UMA ATIVIDADE LÚDICA PARA O ENSINO DA QUÍMICA DA ÁGUA PARA ALUNOS DE ENSINO MÉDIO	
Regianne Ferreira da Silva	
Karolayne Amorim Souza	
Tatiana. Aparecida Rosa da Silva	
Edina Cristina Rodrigues de Freitas Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2902013023	
CAPÍTULO 4	36
BRINCADEIRA PROTAGONIZADA COMO POSSIBILIDADE DIDÁTICA: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA PRÉ-ESCOLAR	
Fernanda Oliveira Brigatto Silvano	
DOI 10.22533/at.ed.2902013024	
CAPÍTULO 5	45
GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA: PERSPECTIVAS E REALIDADE	
Nazaré dos Santos Costa Alves	
Ione Oliveira Jatobá Leal	
DOI 10.22533/at.ed.2902013025	
CAPÍTULO 6	54
IGARAPÉ BEM TEMPERADO 2016: A EXTENSÃO DA APRENDIZAGEM PARA ALÉM DOS MUROS DA FACULDADE	
Laylla Gabrielle Borges Correia Freitas	
DOI 10.22533/at.ed.2902013026	
CAPÍTULO 7	69
INFÂNCIAS MARCADAS PELAS DINÂMICAS NAS RELAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS: UM DIÁLOGO ENTRE A SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E PAULO FREIRE	
Ana Sebastiana Monteiro Ribeiro	
Renata Cristina de L.C.B. Nascimento	
Samantha Dias de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2902013027	

CAPÍTULO 8	79
JOGOS E ENSINO DE HISTÓRIA: O USO DO JOGO RPG (<i>ROLE PLAYING GAME</i>) DIGITAL PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DAS ROTAS DO TRÁFICO DE ESCRAVIZADOS NA BAHIA	
Joelma Cerqueira de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.2902013028	
CAPÍTULO 9	88
<i>LIGHTBOT</i> LOGICAMENTE: UM GAME LÚDICO AMPARADO PELO PENSAMENTO COMPUTACIONAL E A MATEMÁTICA	
Daniella Santaguida M. de Souza Graziela Ferreira Guarda Ione Ferrarini Goulart Maria Luiza F. Goulart	
DOI 10.22533/at.ed.2902013029	
CAPÍTULO 10	99
LITERATURA GAMIFICADA	
Carolina Müller	
DOI 10.22533/at.ed.29020130210	
CAPÍTULO 11	109
NANOCIÊNCIA E NANOTECNOLOGIA: UMA PROPOSTA MULTIDISCIPLINAR PARA O ENSINO MÉDIO	
Marccus Victor Almeida Martins Débora Silva Vidigal Dourado Jerliam Soares Araújo Jocélia Pereira de Carvalho Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130211	
CAPÍTULO 12	117
NOVOS OLHARES SOBRE A PEDAGOGIA	
Rosemeire Ferrarezi Valiante Noely de Assunção Gomes Priscila Dayse Gomes Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.29020130212	
CAPÍTULO 13	133
O CURSO DE EXTENSÃO <i>OFICINA DE ALFABETIZAÇÃO</i> : REFLEXÕES, MUDANÇAS NA PRÁTICA PEDAGÓGICA E NOS RESULTADOS JUNTO ÀS CRIANÇAS ALFABETIZANDAS	
Luciane Manera Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.29020130213	
CAPÍTULO 14	145
O ENSINO DO DIREITO PARA OS INDÍGENAS	
Nadia Teresinha da Mota Franco Patrícia Guerrero	
DOI 10.22533/at.ed.29020130214	

CAPÍTULO 15	157
O ENSINO SUPERIOR PRIVADO E O PROCESSO DE PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE EM RONDÔNIA	
Rudhy Marssal Bohn Marilsa Miranda de Souza Francisco Cetrulo Neto	
DOI 10.22533/at.ed.29020130215	
CAPÍTULO 16	177
O PAPEL DO CORPO NOS PROCESSOS EDUCATIVOS: A RELAÇÃO CORPO/MENTE NA ESCOLA	
Caio Cezar Piraciaba de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.29020130216	
CAPÍTULO 17	188
O PROCESSO DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO CENÁRIO DAS ASSIMETRIAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA	
Ana Kely Martins da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.29020130217	
CAPÍTULO 18	201
O PROFESSOR, A SALA DE AULA, OS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Diego Souza dos Santos Irene da Silva Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.29020130218	
CAPÍTULO 19	211
O USO DE <i>FANFICTIONS</i> COMO PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE TEXTO NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Greicielle da Silva Borges Karyne Paula de Souza Franco Tauã Carvalho de Assis	
DOI 10.22533/at.ed.29020130219	
CAPÍTULO 20	219
O USO DO LITEMAP EM UMA DISCUSSÃO COLABORATIVA	
Luziana Quadros da Rosa Renata Oliveira da Silva Lucyene Lopes da Silva Zaida Cristiane dos Reis Márcio Vieira de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.29020130220	
CAPÍTULO 21	231
OBJETOS E FOTOGRAFIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA PARA O 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jéssica Domenic Candiani Martins Magda Madalena Tuma	

DOI 10.22533/at.ed.29020130221

CAPÍTULO 22 245

OFICINA DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS PARA PROFESSORES DO QUARTO E QUINTO ANO DA ZONA RURAL DA SEMED

Cleusa Suzana Oliveira de Araujo
Lucia Helena Soares de Oliveira
Maria José Pereira de Sousa
Kamila Queiroz Guimarães
Elizama de Oliveira Pereira Gaspar

DOI 10.22533/at.ed.29020130222

CAPÍTULO 23 254

OS DESAFIOS DO ENSINO DE LIBRAS: ADEQUAÇÃO DOS LÉXICOS UTILIZADOS NAS DISCIPLINAS DE LIBRAS DA UFJ

Thábio de Almeida Silva
Kamilla Fonseca Lemes
Érica Ferreira Melo

DOI 10.22533/at.ed.29020130223

CAPÍTULO 24 264

OS MÉTODOS UTILIZADOS NA EDUCAÇÃO PARA O TRÂNSITO NO MUNICÍPIO DE RIO VERDE – GO

Ayer Barsanulfo Franco
Alexsandro Silva Mateus
Max Miliano Costa
Jair Pereira Melo Júnior
João Eduardo Viana Guimaraes

DOI 10.22533/at.ed.29020130224

CAPÍTULO 25 272

OS POVOS ORIGINÁRIOS DO CARIRI PARAIBANO: DIÁLOGOS ANTROPOLÓGICOS DA EDUCAÇÃO

Elenilda Sinésio Alexandre da Silva
Aristófanés Alexandre da Silva

DOI 10.22533/at.ed.29020130225

CAPÍTULO 26 280

OS SABERES NECESSÁRIOS PARA A FORMAÇÃO DO PROFESSOR: UM OLHAR SOB O PRISMA DISCENTE

Leonardo Mendes Bezerra
Ana Cristina Teixeira de Brito Carvalho
Terezinha de Jesus Maia Lima

DOI 10.22533/at.ed.29020130226

CAPÍTULO 27 292

OUTRO PERSONAGEM DE RANCIÈRE? - LOUIS-GABRIEL GAUNY E SEU RELATO AUTO-FORMATIVO

Vinicius B. Vicenzi

DOI 10.22533/at.ed.29020130227

CAPÍTULO 28	305
PABLO PICASSO: TRAÇOS E DESENHOS GEOMÉTRICOS. RELATOS DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA COM EDUCAÇÃO INFANTIL DE UMA ACADEMICA DE ARTES VISUAIS – MODALIDADE PARFOR	
Lilian Verônica Souza	
Lindamir Aparecida Rosa Junge	
Roseli Kietzer Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.29020130228	
CAPÍTULO 29	313
PAULO FREIRE E MARIO OSORIO MARQUES: UM LEGADO DE EDUCAÇÃO HUMANIZADORA	
Antônio Carlos Gonçalves do Amaral	
Milton César Gerhardt	
Walter Frantz	
DOI 10.22533/at.ed.29020130229	
CAPÍTULO 30	322
EDUCAÇÃO SEXUAL: CRIANÇAS E O PROCESSO DE (RE)CONHECIMENTO DO CORPO, DA SEXUALIDADE, DO GÊNERO E DE SUAS EXPRESSÕES	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Melissa Camilo	
Débora Cristina Machado Cornélio	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
Heitor Messias Reimão de Melo	
Fernando Sabchuk Moreira	
Valquiria Nicola Bandeira	
Carlos Simão Coury Corrêa	
Andreza de Souza Fernandes	
Monica Soares	
Vanessa Cristina Scaringi	
DOI 10.22533/at.ed.29020130230	
SOBRE A ORGANIZADORA	351
ÍNDICE REMISSIVO	352

O PROFESSOR, A SALA DE AULA, OS DESAFIOS QUE SE APRESENTAM E A APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Data de aceite: 31/01/2020

Diego Souza dos Santos

Unimes-Santos-SP

Irene da Silva Coelho

Unimes-Santos-SP

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo evidenciar, a partir da concepção freireana do inédito-viável (FREIRE, 2005), que mesmo diante das impossibilidades existentes no espaço escolar cabe ao professor e à escola oportunizar o acesso significativo à tecnologia ao estudante, de modo a levá-lo a perceber as exclusões existentes na sociedade, a fim de superá-las. Com o avanço da tecnologia nos tempos atuais, aprofunda-se o abismo que distancia a escola pública brasileira das instituições privadas, o que faz com que o ensino tradicional seja reproduzidor do *status quo* da sociedade. Por meio de revisão bibliográfica e de pesquisa quali-quantitativa, buscou-se demonstrar que é possível, mesmo com as deficiências e carências de recursos, aliar a tecnologia ao ensino, trazendo à luz a aprendizagem colaborativa como uma ferramenta que pode estar ao alcance do professor para instaurar a transformação que o ensino brasileiro tanto carece.

PALAVRAS-CHAVE: Professor. Desafios.

Tecnologia. Ensino Público. Inédito-Viável.

TEACHER, CLASSROOM, CHALLENGES PRESENT AND COLLABORATIVE LEARNING

ABSTRACT: This article aims to expose, from the Freire's conception of the unprecedented (FREIRE, 2005), that even in the face of the impossibilities that exist in the school space, it is up to the teacher and the school to provide significant access to technology to the student, so as to lead you to realize the exclusions that exist in society in order to overcome them. With the advancement of technology in the present times, the gulf that distances the Brazilian public school from the private institutions deepens, which makes the traditional teaching reproduce the status quo of society. Through literature review and qualitative and quantitative research, we tried to demonstrate that it is possible, even with the deficiencies and lack of resources, to combine technology with teaching, bringing to light collaborative learning as a tool that can be within the reach of the student. teacher to bring about the transformation that Brazilian education so lacks.

KEYWORDS: Teacher. Challenges. Technology. Public education. Unpublished-Viable.

INTRODUÇÃO

Vivemos em tempos em que é impossível negar a onipresença da tecnologia, tampouco sua importância, todavia a escola ainda permanece a mesma. A máxima: escola do século XIX, professor do século XX e aluno do século XXI já virou um lugar comum nas discussões sobre o assunto. Atualmente, a aula tradicional, pautada em giz, lousa e exposição oral, não atrai mais o estudante, habituado à rapidez, e muitas vezes, afeito ao imediatismo das modernidades, têm dificuldade de compreender os significados subjacentes nos inúmeros conteúdos que são trabalhados em sala de aula.

A partir do entendimento do conceito de inédito-viável (FREIRE, 2005) que diante das dificuldades paralisantes, os homens se defrontam com situações-limite e devem perceber criticamente para assim superá-las, o artigo pretende demonstrar como lidar com as inúmeras barreiras que impedem o professor a utilizar a tecnologia em sala de aula. A seleção temática desse artigo se deve às inquietações teóricas que surgiram a partir das análises realizadas, aliadas à pesquisa realizada com alunos de ensino fundamental II, em cinco escolas públicas do município de Guarujá.

O 'inédito-viável' é na realidade, pois, uma coisa que era inédita, ainda não claramente conhecida e vivida, mas quando se torna um 'percebido destacado' pelos que pensam utopicamente, o problema não é mais um sonho, ele pode se tornar realidade. (FREIRE, 2014 a, p. 225).

Certamente a pouca relação que essa escola tende a fazer com a história de vida dos estudantes, impedindo que encontrem um direcionamento para tantos apelos tecnológicos que lidam cotidianamente, representa um óbice considerável, porém ainda insuficientemente debatido fora dos círculos acadêmicos. Segundo Moran (2015, p.31):

Aprendemos mais e melhor quando encontramos significado para aquilo que percebemos, somos e desejamos, quando há alguma lógica nesse caminhar – no meio de inúmeras contradições e incertezas -, a qual ilumina nosso passado e presente, bem como orienta nosso futuro.

Para compreender melhor o mundo que cerca os estudantes, é necessário que escola não levante a bandeira da censura a esses recursos tecnológicos, como os aparelhos celulares, que já foram alvo de leis que proíbem sua utilização no espaço escolar, contudo que possa repensar como essas ferramentas podem integrar o ambiente institucional e auxiliar o professor no processo de ensino.

O professor deve ser um canal de transformação para que o aluno consiga entender que essa tecnologia, que muitas vezes está ligada estritamente ao entretenimento no universo estudante, pode contribuir para o aprendizado, para isso precisa compreender sua condição de imigrante digital, buscar atualização de

seus conhecimentos e estar consciente de que a adoção desses recursos em seu fazer pedagógico tem reflexos positivos nos processos de aprendizagem (PEREIRA, 2009).

Para isso, faz-se necessária uma percepção da escola, de todos os agentes do processo educacional, sobretudo daqueles que já fazem uso das tecnologias em suas demandas sociais, pois entende-se que o fato de o docente não lançar mão desses recursos em sua aula não é constituinte de uma negação voluntária, mas de insegurança metodológica, e despreparo fruto de uma formação que não forneceu a esses profissionais condições necessárias para inserir qualitativamente essas habilidades em sua prática.

Sobre esse fato, BATISTA (2012, p. 183) aduz que:

Se os fundamentos dos cursos de formação permanecerem pautados em códigos verbais, centrados em exposição de conteúdos, com processos de comunicação verticalizados, onde pouco se trabalha na perspectiva dialógica da construção dos conhecimentos, onde pouco se ajuda a perceber que as relações estão pautadas na interação com os outros – relações de alteridade – perpassadas por sentidos e significados construídos também pelas mídias e suas inúmeras linguagens, não conseguiremos efetivamente avançar nas propostas para uma formação inicial de professores que responda as demandas das sociedades contemporâneas e dos alunos que chegam as nossas escolas nestes tempos.

Deve-se ter a sensibilidade de compreender que na escola há vários estágios de utilização ou não da tecnologia, que vão desde a proibição total, geralmente instituída por uma lei ou regimento escolar; proibições parciais, onde este ou aquele professor não permitem o uso de aparelho celular ou qualquer outro meio tecnológico; ao passo que outros professores permitem e os utilizam para o ensino de sua disciplina e, até mesmo, a liberação total, geralmente incentivada ou ignorada pela equipe pedagógica da unidade escolar. É necessário sublinhar que essa “liberação total ao uso” não constitui, em si, a solução para o problema, ao contrário, também pode ser um impeditivo se não houver um planejamento pautado no diálogo e que possa diagnosticar as fragilidades didáticas em relação à tecnologia.

Geralmente os professores que não admitem esses recursos em sala de aula, a exemplo do aparelho celular, são os mesmos que não utilizam, por iniciativa própria, a tecnologia aliada ao desenvolvimento pedagógico de sua área, o que demonstra que não percebem os benefícios reais dessa utilização. Nesse ponto podemos entender como e por quais razões a aula sofreu pouquíssimas mudanças metodológicas nas escolas públicas brasileiras, mas não cabe culpabilizar, é preciso fortalecer as discussões sobre o tema dentro das instituições de ensino. Ressaltar a importância de legitimar o papel do professor na construção dessas decisões vem ao encontro de um dos objetivos desse trabalho.

Por outro lado, deparamo-nos com uma estrutura escolar, na grande maioria

das escolas públicas brasileiras, que pouco ou nada (quase sempre nada) contribui para a utilização de recursos tecnológicos, configurando mais uma situação-limite (FREIRE, 2005). Mesmo o professor estando disposto a empreender um trabalho nessa perspectiva, a falta de recursos e incentivo são fatores que inibem o desejo e são, muitas vezes, condutores ao desânimo.

Nesse cenário, a aprendizagem colaborativa visa integrar as áreas do saber, visando superar a fragmentação das disciplinas e o ensino pautado na memorização, buscando integrar a tecnologia como facilitadora para desenvolver a autonomia dos estudantes.

Utilizando essa estratégia, o professor passa de transmissor para facilitador, possibilitando aos alunos a produção e construção de conhecimento por eles mesmos. Na aprendizagem colaborativa, todos aprendem em conjunto, sendo oportunizada a capacidade de autonomia dos alunos. É uma forma de romper com as estruturas tradicionais de ensino, superando modelos ultrapassados que já não são mais condizentes com a nossa sociedade atual, nem às demandas e expectativas dos alunos. (WPENSAR, 2019)

Não é necessário ser especialista em educação para constatar que esse paradigma do ensino como transmissão de conhecimentos já se anuncia, há muito, ultrapassado e ineficaz. Para que isso possa ser discutido, de fato, por quem está na linha de frente desse complexo impasse, contido na questão “como podemos mudar aquilo que se apresenta imutável?” é imperativo o entendimento de que esse ensino precisa vitalmente fazer sentido e de que não podemos desconsiderar as transformações do mundo, que envolvem diretamente o uso da tecnologia, aliado a um aprendizado mais dinâmico.

É diante desses desafios que se situam os aportes desse artigo, ancorado na realidade e pautado sempre na valorização do diálogo, pois sabe que este constitui o “encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005, p. 91).

OBJETIVOS

Demonstrar a possibilidade de utilização da tecnologia em sala de aula, sobretudo nas escolas de ensino público, partindo do conceito freireano de inédito viável (FREIRE, 2005).

Apresentar a importância da aprendizagem colaborativa para o ensino, superando a transmissão passiva de conhecimento.

Ressaltar a importância do diálogo como eixo central nas instituições escolares, entendendo a importância de todos os agentes no processo educacional.

METODOLOGIA

O artigo foi elaborado a partir de uma pesquisa quali-quantitativa, iniciando com um estudo de caráter bibliográfico reflexivo, onde buscou-se o embasamento necessário para a discussão do tema em análise, relacionando o uso da tecnologia digital no ambiente escolar ao conceito de inédito-viável, presente na obra do grande educador brasileiro Paulo Freire.

Para buscar fundamentos para a realidade estudada, realizamos uma pesquisa com estudantes de Ensino fundamental II, em cinco escolas públicas do município de Guarujá. A seleção das unidades escolares obedeceu ao critério regional, no intuito de envolver geograficamente as cinco faixas territoriais da cidade.

As escolas em que os estudantes foram alvo da pesquisa foram: E.M. de número 1; E.M. de número 2; E.M. de número 3; EM de número 4 e EM de número 5 – escolas situadas em diferentes regiões de Guarujá.

A pesquisa teve como intuito diagnosticar as possibilidades de acesso à internet dos estudantes das escolas selecionadas e foi feita com base em uma entrevista estruturada, buscando respostas definidas, a saber: “sim” ou “não”.

As questões que configuraram na pesquisa realizada foram:

1. Possui acesso à internet em casa?
2. Possui celular?
3. Possui celular com internet?
4. Possui computador?
5. Possui *notebook*?
6. Possui *tablet*?

Não era necessário discriminar a quantidade de equipamentos, ou tampouco se identificar, uma vez que a entrevista foi aplicada na forma escrita.

É preciso salientar que a abordagem em estudo não apresenta correspondentes acadêmicos que versem diretamente sobre a associação dos conceitos inédito viável e tecnologia, fato que foi encarado como uma oportunidade singular de investigação. No entanto, há aportes em vários autores pesquisados, que serviram de referenciais ao corpus da pesquisa, norteando a elaboração do presente artigo.

Não é propósito do trabalho limitar-se ao levantamento dados ou traçar estatísticas sobre o assunto, mas buscar o aprofundamento do tema e sua relação com a compreensão do leitor. O tratamento e análise das informações coletadas na pesquisa foram discutidos com profissionais de diversas áreas de ensino, não com a finalidade de quantificar, mas com o intuito de enriquecer a reflexão sobre o assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para instaurar o inédito-viável (FREIRE, 2005) no ambiente escolar é preciso

que se reconheça a escola como uma rede de pessoas ligadas por um grande propósito: garantir a aprendizagem dos estudantes. Desde o porteiro ao diretor, é com esse objetivo que a escola existe, por mais que outras demandas surjam e se façam necessárias, o grande propósito da escola é garantir a aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento global dos estudantes.

Porém muitos são os desafios que se fazem presentes nesse espaço de construção e conflito, e certamente muitas questões estão intrinsecamente vinculadas à própria significação do termo “ensinar”. Desde o convencional repasse de informações, até propostas de construção e desenvolvimento de competências.

Todavia, se por um lado a grande maioria dos estudantes tem acesso e faz uso constante de aparelhos tecnológicos fora dos muros da escola, por outro testemunhamos uma escola que não conseguiu se adaptar às mudanças e exigências da sociedade, surgindo, dessa forma, vários questionamentos em relação às expectativas sobre o uso da tecnologia. Certamente, na perspectiva em análise, o maior deles seja: como usar a tecnologia no ensino? Ou ainda: como fazer dessa tecnologia uma ferramenta de desenvolvimento no espaço escolar?

É evidente que soluções existem, das mais variadas formas e roupagens, basta percorrer alguma das inúmeras feiras de tecnologia educacional que é fácil se deparar com elas. *Tablets* cheios de recursos que substituem os velhos cadernos, aplicativos que auxiliam o acompanhamento dos pais à vida escolar de seus filhos, até leitor de íris para avaliar a disposição do estudante ao aprendizado, entretanto isso tudo ainda está muito distante da sala de aula real, da escola que tem inconvenientes rotineiros que chocam-se com o essencial, como dificuldade financeira para manter a iluminação adequada ou infraestrutura para sanar problemas de vazamentos.

No entanto a velocidade com que esses recursos avançam, chega a ser assustadora para alguns, sobretudo para os imigrantes digitais que tentam se engajar frente às inovações. Na visão de Moran (2000, p.44)

Cada vez mais poderoso em recursos, velocidade, programas e comunicação, o computador nos permite pesquisar, simular situações, testar conhecimentos específicos, descobrir novos conceitos, lugares, ideias. Produzir novos textos, avaliações, experiências. As possibilidades vão desde seguir algo pronto (tutorial), apoiar-se em algo semidesenhado para complementá-lo até criar algo diferente, sozinho ou com outros.

Na época da tecnologia a palma da mão, é preciso que todos entendam que o papel da escola não é mais o de transmitir passivamente conhecimentos, mas o que criar possibilidades para sua construção. Para isso é preciso entender que o professor deve ser um mediador nesse processo. Segundo Valente (2002) apenas quando o professor passa a dominar as ferramentas digitais é que pode sentir-se seguro para estimular o pensamento crítico dos envolvidos em projetos que utilizem

recursos tecnológicos.

Os resultados da pesquisa sobre meios de acesso à internet, realizada com 1837 estudantes de ensino fundamental II, de cinco escolas públicas pertencentes a rede municipal de Guarujá demonstram que é possível aliar a tecnologia ao ensino em sala de aula, pois, mesmo sabendo que a escola não disponha dos recursos necessários, a maioria dos alunos entrevistados tem acesso à internet, o que permite um trabalho colaborativo.

Na pesquisa, ficou demonstrado que 75,4% dos estudantes têm acesso à internet em casa, o que em si já permitiria o uso de metodologias ativas, como a sala de aula invertida, a criação de ambientes virtuais de aprendizagem e a formação de grupos de pesquisa, obedecendo a critérios colaborativos, para que todos pudessem desenvolver as atividades.

Dos estudantes entrevistados 62,8% possui aparelho celular e 50,5% têm acesso à internet no aparelho, ou seja, mais da metade possui o aparelho com acesso à rede na palma da mão. Instaurar o inédito-viável, nesse contexto pedagógico, seria permitir que o ensino se beneficiasse dessa realidade, possibilitando que essa tecnologia possa não só adentrar a sala de aula, mas conviver harmonicamente com o ensino, de forma a otimizá-lo nas mais diversas formas.

A pesquisa, apresentou os seguintes resultados: 40,9% dos estudantes, das cinco escolas avaliadas, possuem computador em casa, 28,8% dispõem de *notebooks* e 25,1% têm *tablets*. Com a inserção da visão da aprendizagem colaborativa, é possível fazer da escola uma rede de saberes em que todos possam participar da construção do conhecimento. A tecnologia deve ser um meio de integrar as pessoas, de promover o diálogo como o encontro dos homens, de alinhar caminhos possíveis, de afastar a desesperança (FREIRE, 2005).

É inegável que os modelos tradicionais de ensino, centralizados no professor e no repasse de conteúdos, têm se mostrado ineficientes e excludentes há décadas. Desprezar a facilidade de acesso do estudante à tecnologia é um abandono colossal que demonstra como todos os envolvidos na educação estão fadados a repetir os fracassos presentes nos resultados já conhecidos, que vão muito além de péssimos índices em avaliações externas.

As redes sociais são, nesse sentido, uma oportunidade de interação que possibilitam a aproximação de professores e estudantes e devem ser aproveitadas para construção de comunidades de aprendizagem, sobretudo no desenvolvimento de projetos interdisciplinares. Valendo-se dessa ferramenta que os estudantes trazem consigo, o aparelho celular, ampliar os horizontes e instaurar esse ineditismo em suas aulas, alicerçando, assim, um estudo pautado na interação, onde o aluno não irá meramente ouvir e ao professor não caberá exclusivamente fazer a exposição oral dos conteúdos de sua disciplina.

É necessário possibilitar a comunidade escolar vivenciar esse processo de inclusão digital, por intermédio de situações potencialmente pedagógicas e catalisadoras, que garantam a apropriação e a sustentabilidade dessas tecnologias, e principalmente, que permitam a autonomia da escola na gestão desse processo (PRATA, 2002, p. 77).

A partir disso, conduzir os envolvidos a perceber criticamente as situações-limite, impostas pelos obstáculos existentes no espaço escolar, para o enfrentamento contínuo e permanente, promovendo o inédito-viável, pois, diante das impossibilidades existentes, lançar-se a esse desconhecido desafiador da atualidade. Para concretizar esse ineditismo, a escola deve promover o encontro, o diálogo, beneficiando-se daqueles que já dominam tecnologias digitais para que, em parceria, possam contribuir com aqueles outros profissionais que, longe de não desejarem, foram impedidos de conhecer esses recursos, seja pela formação ou outros fatores diversos.

Sendo assim, como vemos, nessa rede de aprendizagem colaborativa, não são unicamente os estudantes que são amparados em suas fragilidades tecnológicas, mas também os docentes que podem se aperfeiçoar profissionalmente. Certamente é preciso que os implicados nesse processo dispam-se da vaidade do “saber tudo”, compreendam que uma postura resistente frente ao aprendizado de novas tecnologias corresponde ao aprofundamento de uma sociedade injusta, já que compromete a formação integral de muitos que estão sob sua tutela intelectual e serão privados de aprender de acordo com as metodologias que hoje fazem sentido.

Dessa forma, segundo Moura (2017, p. 108)

A escola passa a ser um local de produção e significação do conhecimento, além de ser local privilegiado de relações humanas. O aluno do século XXI frequenta esse ambiente não para buscar informações, mas para ter orientação de um professor sobre como usar e organizar esse mar de dados para atingir um objetivo específico.

É com o intuito de estabelecer buscas que a aprendizagem colaborativa ganha vida e se faz essencial para o rompimento de um paradigma reprodutor da instituição escolar. No lugar da transmissão da informação, ela propõe a interpretação e construção da mesma, ancorada na necessidade de incorporar metodologias interativas entre os estudantes e os docentes. A tecnologia é, dessa forma, uma propulsora de um ensino mais associado à interação que abandona o lugar privilegiado que por décadas ocupou a memorização teórica para dar espaço a ambientes de troca e compartilhamento.

Nesse sentido, o professor não estará cativo de uma instituição sem recursos, pois o inédito-viável o fez perceber que a tecnologia já está presente “no” e “com” o estudante, a desesperança e o desencanto dão espaço a linguagem da possibilidade

e o martírio pode ser superado pela percepção de que a escola é, apesar dos conflitos, um lugar de parceria, onde todos podem colaborar para que se tenha uma instituição comprometida com seu fundamental propósito de ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível compreender a importância e a necessidade da tecnologia estar voltada à aprendizagem colaborativa em sala de aula, visto que a escola já não é mais um lugar de reprodução do conhecimento, contudo de construção e ressignificação do mesmo, que envolve, sobretudo, relações humanas. Na aprendizagem colaborativa, como foi constatado no presente artigo, o professor tem mais condições de sair da posição de transmissor para a de facilitador, isso permite consolidar uma metodologia interativa em que o aprender é coletivo, aprimorando o relacionamento interpessoal, mas que, simultaneamente, o aluno é impulsionado a desenvolver sua autonomia e consciência crítica.

Não obstante os muitos enfrentamentos que os professores lidam, tais como a falta de estrutura na escola e a ausência de recursos tecnológicos, aliados à insegurança de sua condição de imigrante digital e oriunda de uma formação deficitária, no que tange a esses conceitos, fazem com que, muitas vezes, sintam-se desmotivados para lançar mão da tecnologia em suas aulas e de propor metodologias que proponham a busca, ao invés do trabalho tradicional, pautado na memorização de informações.

Certamente o grande arquétipo que foi superado, com a elaboração deste artigo, foi o de repensar as relações e significados da tecnologia para o estudante de escola pública, desde a posse até sua utilização para fins pedagógicos. Como ficou demonstrado, mais de 75% dos estudantes entrevistados possuem acesso à internet e mais da metade tem esse acesso ao alcance da mão, em seus aparelhos celulares. Desprezar esse potencial tecnológico inegável com dispositivos legais ou regras absurdas é renunciar a um trabalho mais dinâmico e significativo.

Vale ressaltar que esses obstáculos que comprometem o agir, sobretudo relacionados ao uso da tecnologia na escola, tendo em vista a aprendizagem colaborativa, devem ser socialmente questionados, redimensionando, dessa forma, a reflexão e ajustando as ações dos envolvidos no trabalho pedagógico, porém isso não significa a aceitação do estado de coisas. Cabe a todos que estão imbricados na constante tessitura da construção de um ensino de qualidade nas escolas, sobretudo nas redes públicas de ensino de nosso país, objetar as condições atuais e demandar esforços para que as autoridades possam cumprir seu papel com o que de mais essencial temos em uma sociedade.

Sendo assim, é fundamental percebermos que o inédito-viável não é um conceito

vazio, ao contrário, pois apresenta ao leitor a possibilidade de, criticamente, repensar os entraves e desvendar novos caminhos em sua jornada docente, essencialmente pela não aceitação das inúmeras situações-limites existentes no espaço escolar, mas demandando ações para romper com esses impeditivos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Simone Rodrigues. **Um diálogo entre comunicação e educação: a formação inicial de professores em sociedades midiáticas** / Simone Rodrigues Batista; orientação Maria Isabel de Almeida. São Paulo: s.n., 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 5. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Ana M. A. Notas explicativas. In: FREIRE, Paulo (Org.). **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 21. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014a. p. 273-333.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2000.

PEREIRA, Bernadete Terezinha. **O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação na prática pedagógica da escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1381-8.pdf> - Acessado 18 mai. 2019.

PRATA, C. L. **Gestão escolar e as novas tecnologias**. In: ALONSO, M. et al. Formação de gestores escolares: para a utilização de tecnologias de informação e comunicação. São Paulo, 2002.

VALENTE. J. A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Unicamp, 1999. 156p.

_____. **A Espiral da Aprendizagem e as Tecnologias da Informação e comunicação: repensando conceitos**. In JOLLY, M. C. Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem, 2002.

WPENSAR. **Descubra a importância da aprendizagem colaborativa e saiba como implantá-la em sua escola**. Disponível em: <https://blog.wpensar.com.br/inovacao-pedagogica/descubra-importancia-da-aprendizagem-colaborativa-e-saiba-como-implanta-la-na-sua-escola/> - Acessado 15 mai. 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Água 24, 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34

Alfabetização 71, 125, 133, 134, 135, 139, 142, 144, 152, 231, 234, 237, 238, 242, 247

Alfabetize 133, 134

Aprendizado 20, 24, 33, 54, 79, 85, 97, 122, 127, 133, 136, 138, 140, 141, 142, 143, 179, 202, 204, 206, 208, 228, 246, 259, 302

Aprendizagem 1, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 15, 17, 20, 25, 26, 27, 30, 32, 33, 34, 35, 43, 51, 54, 70, 76, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 89, 90, 92, 93, 96, 97, 98, 100, 101, 103, 105, 107, 108, 109, 119, 120, 121, 122, 123, 130, 133, 134, 142, 143, 151, 152, 156, 177, 178, 180, 181, 183, 185, 186, 189, 192, 198, 201, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 210, 212, 222, 226, 227, 229, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 250, 260, 262, 265, 267, 273, 275, 280, 282, 287, 289, 291, 297, 298, 306, 307, 308, 315, 321, 341

Assimetrias 188, 190, 191, 199, 200

B

BNCC 45, 46, 211, 212, 213, 216, 217

Brincadeira protagonizada 36, 37, 39, 43

C

Corpo 11, 168, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 195, 253, 262, 283, 284, 290, 294, 295, 297, 307, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 339, 342, 348, 349, 350

D

Desafios 15, 49, 51, 96, 100, 103, 105, 108, 143, 176, 189, 191, 200, 201, 204, 206, 214, 222, 244, 254, 274, 279, 286, 318, 319, 349

Desenvolvimento profissional 133, 134, 135, 136, 137, 138, 140, 141, 142, 286, 288

Dicotomia corpo/mente 177

Direito 8, 15, 21, 52, 72, 73, 75, 78, 123, 127, 128, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 153, 154, 155, 156, 159, 163, 212, 259, 260, 270, 288, 299, 300, 319, 343, 344, 345

E

Educação continuada 133, 136, 142

Educação infantil 35, 36, 39, 41, 42, 43, 72, 231, 305, 306, 308, 309, 311, 348, 350

Educação profissional e tecnológica 1, 2, 3, 12, 13

Educação pública 45, 46, 47

Educação superior 3, 12, 158, 159, 160, 164, 165, 166, 175, 176, 188, 189, 190, 191, 199, 200, 229, 248, 256

Eficácia social 145, 146, 147

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 24, 25, 26, 27, 30, 31, 33, 34, 35, 41, 42, 48, 50, 52, 55, 59, 73, 74, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 99, 100,

107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 120, 121, 123, 126, 131, 135, 143, 144, 145, 146, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 184, 185, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 231, 232, 233, 234, 237, 239, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 264, 265, 267, 268, 270, 271, 277, 278, 280, 282, 284, 285, 286, 287, 289, 290, 291, 298, 306, 307, 308, 309, 311, 312, 315, 345, 349, 351

Ensino de química 25, 31, 33, 34, 35

Ensino médio 6, 7, 9, 16, 24, 25, 27, 34, 59, 88, 90, 91, 94, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 164

Ensino público 163, 171, 201, 204

Ensino superior privado 157, 158, 159, 160, 164, 166, 167, 172, 175, 176

Estatística aplicada 54

Extensão da sala de aula 54

Extraescolares 14, 17, 19, 20, 21, 22

F

Fanfics 211, 212, 213, 215, 216, 217

Formação de professores 1, 13, 21, 36, 41, 133, 143, 188, 189, 199, 245, 246, 256, 263, 280, 281, 282, 284, 285, 286, 306, 308, 311, 312

Foucault 177, 178, 179, 182, 185, 187, 297, 303, 325, 327, 329, 334, 348

Fracasso escolar 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

G

Gestão democrática 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53

Gestor escolar 45, 47, 49, 50, 51, 53

I

Inédito-viável 201, 202, 205, 207, 208, 209

Intraescolares 14, 17, 19, 20, 22

J

Jogo didático 24, 25

L

Legislação 2, 6, 47, 48, 49, 126, 145, 155, 199, 254, 256, 261, 268

M

Merleau-ponty 177, 178, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Multidisciplinaridade 109

N

Nanociência 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116

Nanotecnologia 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116

P

Perfil docente 1, 2, 4, 11

Precarização 157, 158, 159, 164, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Produção de texto 140, 211, 212, 213, 215, 216, 217

Professor 2, 4, 5, 7, 10, 11, 19, 20, 21, 25, 26, 27, 30, 31, 34, 38, 57, 58, 73, 81, 93, 102, 111, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 134, 136, 138, 143, 144, 152, 168, 171, 188, 189, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 201, 202, 203, 204, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 245, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 256, 258, 259, 261, 280, 281, 282, 283, 285, 286, 287, 289, 306, 308, 312, 313, 317, 318, 319, 320, 336, 339, 347

Psicologia histórico-cultural 20, 36, 43

T

Tecnologia 1, 2, 3, 7, 10, 12, 27, 69, 106, 107, 111, 116, 135, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 222, 225, 229, 249, 261, 263, 334

Trabalho docente 5, 131, 157, 158, 159, 161, 164, 166, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 198

 **Atena**
Editora

2 0 2 0